

Dario Boaventura UM ESCULTOR PORTUENSE

Maria Odete Leão de Araújo Leão

DARIO Augusto de Oliveira de Boaventura nasceu no Porto, a 15 de Janeiro de 1923, na freguesia de Massarelos, na casa de seu avô materno o Dr. Casimiro António de Oliveira, à Rua do Triunfo – actual Rua de D. Manuel II – no número 292. Seu pai, o Brigadeiro Renato Ferraz de Boaventura, obrigado a deslocações frequentes por razões profissionais, levou a família em 1927 para Caniçada, Vieira do Minho, onde o futuro escultor, seus pais e seus irmãos ficaram a residir na quinta da Casa do Rêgo, propriedade do seu avô materno, até completar nove anos de idade. Regressado ao Porto foi viver numa casa na Rua do Monte dos Burgos, cerca de dois a três anos, saindo depois para Viana do Castelo onde permaneceu mais tempo, tendo frequentado aí a Escola Comercial. Lisboa foi o outro local para onde o levaram as obrigações que seu pai tinha para com o Exército, passando aí a viver, tendo frequentado então a Escola de Artes Decorativas de António Arroio, ingressando depois na Escola de Belas Artes na área de Arquitectura, durante três anos, findos os quais trocou Lisboa pelo Porto matriculando-se na Escola Superior de Belas Artes onde passou a frequentar o curso de escultura, tendo sido aluno do escultor Manuel Salvador Baramita Feio, terminando o curso com dezasseis valores.

Foi também no Porto que fez a sua primeira exposição, sendo esta em conjunto com o seu tio, o caricaturista Octávio Sérgio Boaventura, no Salão Silva Porto na Rua de Cedofeita. Estava-se na Páscoa de 1955. Antes, em 1954, tinha já recebido o prémio de escultura «Soares dos Reis», uma 2.ª Medalha na II Exposição Geral de Belas Artes e o prémio «Bancó Pinto & Sotto Mayor». Colaborou também com outros colegas numa exposição organizada pelo *Jornal de Notícias*, evento este cuja data se não conseguiu precisar.

Regressou novamente a Lisboa onde fez algumas exposições na Sociedade Nacional das Belas Artes recebendo numa delas a 3.ª medalha. Entre 1953 e 1954 deu aulas em Aveiro, regressando depois a Lisboa para leccionar em Setúbal, onde passou a morar, e nessa altura ingressou no estágio para efectivação, iniciando deste modo uma carreira no ensino, que contudo o não impediu de continuar a fazer mosaicos, vitrais e medalhística, obras que existem em profusão dentro e fora da cidade do Porto.

Acabado o seu estágio nas Caldas da Rainha aí permaneceu seis anos, leccionando na Escola Bordalo Pinheiro, regressando novamente ao Porto, já casado e com uma filha, continuando a dar aulas quer na Telescola quer na Escola Soares dos Reis, e a trabalhar no seu atelier, fazendo escultura com uma criatividade inesgotável e aperfeiçoando exaustivamente novas técnicas na área da cerâmica.

Várias destas obras foram adquiridas por entidades oficiais e particulares, tais como, por exemplo, uma máscara de bronze adquirida pelo Museu Nacional de Soares dos Reis, «A Menina e a Foca» adquirida pela Câmara Municipal do Porto e patente no Jardim do Passeio Alegre, o baixo relevo para a Casa do Povo de Santa Eulália (Castelo Branco), um vitral para os Correios e Telecomunicações de Guimarães, um vidro gravado e uma escultura cerâmica para a Amorim Lage, seis painéis de cerâmica para o edi-

fício Paris, na Senhora da Hora, encomendados pela Firma Cércea. Também para as Caldas da Rainha fez um painel de azulejo intitulado «Nau Catrineta» e para a Póvoa de Lanhoso produziu uma estátua glorificadora do Bombeiro.

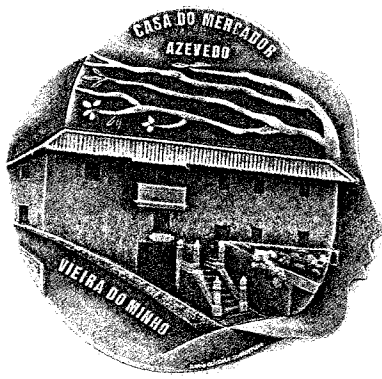
Ainda em Lisboa, na Escola Francisco Arruda, outra obra sua, a escultura de uma bailarina, existindo outra obra sua no Conservatório de Música do Porto. Também nos Edifícios Londres, na Senhora da Hora, seis painéis de azulejos sobre Paris e para os escritórios da Fábrica Milaneza, ao tempo sitos na Rua Cândido dos Reis, produziu uma cerâmica e um vidro gravado que actualmente se encontram nas instalações da Fábrica, em Parada, existindo na mesma um mosaico cujos motivos são referentes ao ci-



Máscara de bronze (Museu Nacional Soares dos Reis).



Vitral dos Correios de Guimarães.



Medalha comemorativa de um Encontro da Família Oliveira (1 de Junho de 1996).



Liberdade (grupo escultórico alusivo ao 25 de Abril).



A Menina e a Foca, no Jardim do Passeio Alegre.

clo do pão, desde a cultura às farinhas. Em Guimarães, existe também num prédio uma escultura sua e outra em Paço de Arcos igualmente num edifício de habitação. Na Rua Augusta, em Lisboa, quatro painéis e uma cerâmica em prédios desta artéria da capital ilustram o talento do artista.

Participou em várias exposições colectivas e organizou outras como independente. Das primeiras citam-se, além das já mencionadas, a da Junta de Turismo

da Costa do Sol, Salão dos Novíssimos, Levantamento da Arte do Século XX no Porto, Colectiva Cerâmica nas Caldas da Rainha, Exposição Nacional de Pequeno Formato, nas Caldas da Rainha, em Março de 1984, na Colectiva de Artes Plásticas, na Casa Museu Teixeira Lopes, tendo sido publicada uma fotografia de uma das muitas obras suas – Ícaro – no *Jornal de Notícias*, de 20 de Novembro de 1987. Na Casa da Cultura do Professor, na Primeira Bienal de Cerâmica Artística em 1989, Aveiro, na II Exposição de Pequeno Formato, no mesmo ano, e em 1990 no Primeiro Seminário Internacional de Cerâmica, em Vila Nova de Gaia, e dois anos depois em Monsaraz – Museu Aberto, são outros tantos locais onde se pode admirar parte da vastíssima obra de Boaventura. Das exposições independentes destacam-se em Fevereiro de 1984 uma na Fundação Eng.º António de Almeida, no Porto, e outra na Casa dos Crivos, em Braga, em Junho de 1988, concluindo o ciclo de exposições independentes em Novembro de 1992, com a realizada no Hotel Meridian, no Porto.

Na área da medalhística, é de salientar um trabalho para a Ordem Terceira de São Francisco, do Porto e outro para a Família Oliveira.

Nascido numa família onde a Arte e a Cultura são formas de expressão fluente, podendo recordar-se seus tios Octávio Sérgio Boaventura e Armando Boaventura, jornalista e correspondente de órgãos de comunicação nacional e internacional e Manoel de Oliveira, cineasta de reconhecido mérito, pois apesar da vasta produção espalhada em sua casa – que mais parece um museu – e pelas casas de familiares e amigos, está um

pouco esquecido do povo portuense, talvez devido ao seu feitio um tudo nada retraído e, sobretudo, de uma modéstia incrível em relação ao seu valor.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e ainda ilustrador de livros didácticos, o escultor Dario Boaventura não devia deixar que esta cidade que o viu nascer e que desde há muitos anos é o lugar onde continua a produzir tantas obras verdadeiramente notáveis, não tivesse o prazer de voltar a ver esses tesouros de arte, que são dele, porque os criou, mas que são também de todos nós, portuenses, e não só, porque é um dos nossos o seu autor.

Esperemos que em breve se anuncie mais uma exposição independente deste incansável artista, cuja sensibilidade transmitida às suas obras nos faz desejar que mais, muitos mais tenham o privilégio de as poder admirar.

Aqui fica o repto para que a realize a breve trecho ■



Rapariga em bronze.